

**Os convictos de que se pode ser feliz**



Três protagonistas do amor em ação: da esquerda para a direita, o doutor Jesús Rivas, a enfermeira Sara Tovar e a doutora Odalys Pagés.



O programa 'Bom viver' para o diabético foi criado graças ao Ministério do Poder Popular para a Saúde da Venezuela e à operação da Missão Bairro Dentro, que tem o apoio incondicional dos profissionais e técnicos de saúde cubanos.

## VENEZUELA

Alina Perera Robbio,  
especial para Granma Internacional

• BARINAS, Venezuela.— Ainda em áreas do centro da capital do Estado veem-se os traços da violência desatada em abril deste ano e que durou mais de 100 dias, com a qual alguns sonharam paralisar o país.

São lembradas com tristeza as lojas de pneus incendiadas e armazéns de medicamentos e a chegada de estrangeiros perguntando sobre as principais praças para montar cenas de protesto contra o governo.

O povo já estava exausto por ter perdido a tranquilidade e o ritmo habitual da vida; assim afirmam muitos residentes, entre os quais vivem e trabalham nossos missionários, muitos deles testemunhas do pesadelo, ao qual apenas pôs fim o voto popular de 30 de julho, para conformar a Assembleia Nacional Constituinte (ANC).

«Todo o tempo eu mostrei firmeza, nunca chorei», disse Lazara Polledo Cuní, uma cubana, de 35 anos, da província de Matanzas, que trabalha na óptica Los Pozones de Barinas. Com um diploma em Optometria e Óptica, ela trabalha na Venezuela há mais de 20 meses, cumprindo sua segunda missão internacionalista.

Basicamente, nunca poderá esquecer aquele dia de maio, quando, no meio dos distúrbios da rua, sentiu que poderia morrer.

«Naquele dia, houve guarimbas (protestos) e eu, como de costume, fui trabalhar. Esse foi o pior dia da minha existência. Ao meio-dia, choveu chumbo (tal como os venezuelanos dizem quando há tiroteio), mataram um rapaz de 19 anos; três mulheres chegaram muito afetadas ao centro ambulatorial que está em frente à ótica, devido às bombas de gás lacrimogêneo».

A colaboradora lembra que familiares dos falecidos, que falavam abertamente contra o governo chavista, exigiam vingança mascarados e armados. Lázara pensou que a óptica seria queimada porque outra já tinha sido queimada e se escutavam ameaças contra os cubanos.

Depois das cinco da tarde, não podia sair

do local de trabalho; e parecia impossível que alguém pudesse entrar para resgatá-la. Felizmente, um jovem soldado que a conhecia da cidade onde morava foi encontrá-la. Muito discretamente, ele conseguiu chegar à óptica e pediu-lhe para não dizer uma palavra — para que não fosse identificada — e assim conseguiram sair, no meio do tiroteio. Eles percorreram uma distância de mais de três quilômetros em tempo recorde. Lazara não conseguiu parar de pensar sobre seus entes queridos, especialmente sua filha de 15 anos e o filho de cinco anos.

Quando ela termina de nos contar sobre aquelas horríveis horas, compartilha então uma expressão que encerra a vontade da coragem e da razão para permanecer ali: «Aqui estamos...». E então conta que «há pessoas da oposição que vieram aqui à consulta. Muitas delas não sabem por que são da oposição. Quase sempre reagem e dizem que eu tenho razão quando lhes explico que graças a Chávez e à Revolução, eles podem receber atendimento. 'Doutora, eles me dizem, você está certa! Esta é uma batalha imensa. E temos que ajudar e avançar».

Junto com Lázara, no dia da nossa visita, somos recebidos na óptica pelos cubanos Isandra Revilla Rodríguez, 26 anos e da província de Santiago de Cuba (Licenciada em Optometria e Óptica); María Zamora Acosta, de Bayamo, 48 anos (operadora que corta e coloca os cristais na armação dos óculos) e Luis Benítez Álvarez, um jovem de 30 anos de Camagüey (Licenciado em Optometria e Óptica). Agora, os tempos são pacíficos, mas mesmo nos mais adversos, esses missionários não deixaram de dar o melhor deles a esse povo irmão.

### ARTÍFICES DA PIEDADE

Deixamos para trás a óptica e descobrimos no Centro Ambulatorial León Foortul Saavedra, três especialistas que fazem o milagre de curar as lesões dolorosas da-

queles que chegam e que, caso não serem tratados, sofreriam amputação em suas extremidades inferiores.

A doutora Odalys Pagés Gómez, cirurgiã plástica e especialista no pé diabético está trabalhando em Barinas desde maio passado. Vinda da província de Santiago de Cuba, enquanto prepara os instrumentos e outras coisas para a cura, diz-nos que «no relacionamento médico-paciente é preciso pôr esmero, porque aqueles que chegam sofrem de uma doença crônica e sentem grande dor».

Na Venezuela, antes de 2008, do número total de pacientes que chegaram a centros e hospitais com úlceras de pé diabético, os números de amputação variavam entre 60 e 80%, de acordo com dados da Direção do Programa Metabólico Endócrino, do Ministério do Poder Popular para a Saúde, da Venezuela.

Atualmente, graças ao programa 'Bom Viver' para o diabético, que em 18 de agosto passado completou nove anos, os números da amputação foram reduzidos para 3%. O programa, nascido um ano após a implementação da ideia em Cuba, é projetado para tratar pacientes com úlceras do pé diabético, através do uso de um medicamento cubano: o fator de crescimento epidérmico humano recombinante (Heberprot-P).

O 'Bom Viver' para o diabético surgiu graças ao Ministério do Poder Popular para a Saúde da Venezuela e ao funcionamento da Missão Bairro Dentro, que tem o apoio incondicional dos profissionais e técnicos de saúde de Cuba. Cobrindo uma grande parte do território nacional, a captura de pacientes que precisam de Heberprot-P é mais eficiente.

«As pessoas que vêm aqui são aquelas com menos recursos», especifica a doutora Odalys. Aquelas que têm mais poder de compra frequentam clínicas privadas, e quando chegam até nós é porque precisam de alguma amputação menor, porque nessas clínicas particulares o que lhes fazem é colocar 'parches', mas na hora da verdade

eles vêm até nós. Desta forma, muitas vezes evitamos complicações, como amputações importantes».

Juntamente com Odalys desempenha-se o médico geral Jesús Rivas Fajardo. Ele é venezuelano, mas por razões poderosas se sente ligado à Ilha: ele se tornou um profissional na província de Matanzas e agora é feliz por fazer parte de uma equipe com uma colega cubana. «Eu vi pacientes que vieram aqui muito deprimidos e que saíram com um sorriso», diz ele. «Isso é o que nos dá satisfação porque o que buscamos é ajudar, é buscar a felicidade das pessoas».

Jesús fez um diploma para se especializar no cuidado do pé diabético e não deixa de se atualizar como médico. Ele sente gratidão de um angiologista cubano, chamado Juan, que lhe ensinou muito do que sabe hoje. «O tratamento em uma clínica privada para este tipo de paciente é muito caro; o angiologista, o traumatologista, os médicos internos intervêm. É um caminho difícil que poucos pacientes desejam e querem passar».

Sara Tovar, venezuelana, graduada em Enfermagem e especialista no pé diabético, é o terceiro membro desta equipe que trabalha pela vocação pura, porque é preciso estar preparado para entender a dor daqueles que vêm aliviar sua lesão quase sempre enorme, que deve ser submetido a curas com muita misericórdia.

«Esta é uma escola — confessa Sara — para aqueles que entram aqui como estudante ou como profissional. Todo dia você aprende, das segundas às sextas. Trabalhamos juntos, pacientes e familiares e a equipe de saúde».

Sara nos olha, e antes que o próximo paciente entre em busca de ajuda, expressa: «Deus me deu estas mãos para isto».

No «isto» — palavra curta — assenta um propósito cardinal: o termo inclui todos os esforços que nossos missionários de saúde, ao lado dos irmãos venezuelanos, fazem para que muitos seres humanos estejam mais perto de se sentir felizes. •